

Revista
Latino-americana de

Geografia e Gênero

Volume 10, número 2 (2019)
ISSN: 2177-2886

Nota de
Pesquisa

Os Percalços Enfrentados por uma Graduanda em Geografia para Desenvolver seu Trabalho de Conclusão de Curso Abordando Questões de Gênero

*Las Dificultades a las que se Enfrenta una
Estudiante Universitaria de Geografía para
Desarrollar su Trabajo Universitario en
Cuestiones de Género*

*The Difficulties Faced by an Undergraduate
Student in Geography in Order to Elaborate her
Final Term Paper Approaching Gender Issues*

Marcia Tavares Nunes

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia da Bahia - Brasil
marciatavaresifba@gmail.com

Como citar este artigo:

NUNES, Marcia Tavares. Os Percalços Enfrentados por uma Graduanda em Geografia para Desenvolver seu Trabalho de Conclusão de Curso Abordando Questões de Gênero. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 10, n. 2, p. 305 - 319, 2019. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

Os Percalços Enfrentados por uma Graduanda em Geografia para Desenvolver seu Trabalho de Conclusão de Curso Abordando Questões de Gênero

Las Dificultades a las que se Enfrenta una Estudiante Universitaria de Geografía para Desarrollar su Trabajo Universitario en Cuestiones de Género

The Difficulties Faced by an Undergraduate Student in Geography in Order to Elaborate her Final Term Paper Approaching Gender Issues

Resumo

A presente nota de pesquisa apresenta um relato de experiência sobre dificuldades enfrentadas por uma discente do curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal da Bahia-IFBA, para desenvolver seu trabalho de conclusão de curso (TCC), abordando temática que envolve questões de Gênero, em particular acerca da violência doméstica contra as mulheres. Dada a necessidade de se buscar transformar e combater concepções enraizadas na sociedade brasileira, de cunho patriarcal, machista, sexista e racista, é imprescindível trazer para o centro das discussões e reflexões acadêmicas as questões que afligem as mulheres, visto que a Universidade é um espaço importante de produção de conhecimento. Nesse sentido, essa produção objetiva “provocar” os docentes e discentes de Geografia a pensar/pesquisar acerca do assunto e estimular pesquisa sobre o tema. Tais temáticas são importantes e fundamentais e devem ser tratadas/discutidas nos espaços acadêmicos, em especial no contexto de um curso de formação de professores e professoras em Geografia, disciplina que tem como objeto de estudo o espaço geográfico e as relações dos seres humanos com o mesmo, demandando, por consequência, que professores e professoras estejam qualificados para desconstruir modelos e padrões “patriarcais”, os quais submetem e subjugam as mulheres.

Palavras-Chave: Formação Docente; Geografia; Gênero.

Resumen

Este artículo presenta un informe de experiencia sobre las dificultades que enfrenta una estudiante del curso de Licenciatura en Geografía del Instituto Federal de Bahía-IFBA para desarrollar su trabajo de conclusión del curso (TCC), abordando el tema que involucra cuestiones de género, en particular sobre violencia doméstica contra la mujer. Dada la necesidad de tratar de transformar y combatir las concepciones arraigadas en esta sociedad patriarcal, machista y racista, es esencial llevar al centro de las discusiones y reflexiones académicas los problemas que afligen a las mujeres, ya que la Universidad es un espacio importante para la deconstrucción de paradigmas. En este sentido, este artículo tiene como objetivo "provocar" que los profesores y estudiantes de Geografía piensen / investiguen sobre el tema. Dichos temas son importantes y fundamentales, por ende, deben tratarse / debatirse en espacios académicos, especialmente en el contexto de un curso de formación docente en Geografía, que tiene como objeto de estudio el espacio geográfico y la relación entre los seres humanos, así como también el medio ambiente. Incluso exigiendo, por lo tanto, que las personas que actúan como docentes sean profesionales preparados / deconstruidos, para deconstruir modelos y patrones "patriarcales" que someten y subyuguen a las mujeres.

Palabras-Clave: Formación del Profesorado; Geografía; Género.

Marcia Tavares Nunes



Abstract

This article presents an experience report about the difficulties faced by an undergraduate student of the bachelor's degree in Geography at the Federal Institute of Bahia (IFBA), to elaborate her final term paper, addressing the theme of gender issues, particularly on domestic violence against women. Given the need to seek for transforming and combating some conceptions rooted in this patriarchal, chauvinist, sexist and racist society, it is essential to put in the center of the academic discussions and reflections issues that afflict women, since the University is an important space for the deconstruction of paradigms. In this sense, this article aims to "provoke" Geography teachers and students to think/research on this subject. Such themes are not only important, but fundamental and should be treated/discussed in academic spaces, especially in the context of teacher training programs in Geography, which has as its object of study the geographical space and the relations between human beings and their environment. even demanding, therefore, that people who act as teachers be professionals prepared/formed to deconstruct "patriarchal" models and patterns that subdue and subjugate women.

Keywords: Teachers Training; Geography; Gender.

Introdução

Esse trabalho apresenta a narrativa dos percalços enfrentados por uma graduanda em Geografia para desenvolver seu trabalho de conclusão de curso-TCC com abordagem de gênero. Ao passar no vestibular em 2011, pensei "sonho realizado!", todavia a graduação é uma formação acadêmica onde discentes têm contato com universo da Universidade e suas múltiplas complexidades. De um lado, maravilha-se com as possibilidades que a vivência e o aprendizado intelectual que a academia lhe proporciona. Sobretudo para aqueles/as que optam por cursos de Licenciaturas, Como afirma Paulo Freire (2007), o ato de ensinar/educar é um ato de amor e prazer para os que ensinam com entusiasmo. Para, além disso, "a educação tem a ver com a prática da liberdade" (BELL HOOKS, 2013). Ou seja, o professor é um profissional cujo sua trajetória de formação/atuação necessita ser/está instigado a uma prática docente comprometida com a construção de conhecimentos que possibilitem o desenvolvimento da criticidade dos sujeitos. Ou melhor, são profissionais capazes de fomentar nos cidadãos (alunos) reflexões acerca da sua cidadania, o que por vezes, incomoda aos que se encontram em posição privilegiada e não estão dispostos a abrir mão dos seus privilégios. Pode-se pensar como um exemplo desta situação os "homens" dentro do sistema patriarcal¹ que, sabendo-se são beneficiados pelo mesmo, não o "criticam" e não fazem nada para "combatê-lo/mudá-lo". A Geografia não pode ser e não é uma disciplina que restringe seus estudos apenas sobre as contradições da natureza, mas também está voltada à atuação dos sujeitos e suas ações sobre a natureza, a partir de suas relações sociais. Para Neto e Barbosa (2010) o ensino de Geografia deve permitir aos educandos uma análise crítica da realidade,

1 O patriarcado é a gênese da constituição de toda a vida social, é um atributo universal da sociedade humana, é uma concepção literal de governo do pai, ou seja, o patriarcado está estritamente relacionado com o pressuposto de que as relações sociais patriarcais se referem à família (PATEMAN, 1993).

Os Percalços Enfrentados por uma Graduanda em Geografia para Desenvolver seu Trabalho de Conclusão de Curso Abordando Questões de Gênero

fornecendo aos alunos possibilidades de se posicionar frente aos problemas enfrentados em várias esferas da sociedade. Desta forma, um(a) licenciando(a) em Geografia, ou seja, futuro professor (a) pode e deve discutir as relações sociais e de Gênero², pois estar em seu processo formativo, onde precisa ampliar seus conhecimentos não só sobre o espaço geográfico, mas sobre as relações e contradições que envolvem os seres humanos que subjagam, humilham e oprime as mulheres.

Neste sentido, como uma discente do curso de Licenciatura em Geografia do IFBA achei pertinente trabalhar com a questão de Gênero no meu trabalho de conclusão de curso (TCC), por concordar com a concepção ainda de Neto e Barbosa (2010) de que a Geografia é uma disciplina estratégica, a qual permite à pessoa discente/docente formular questões a partir da realidade dos sujeitos, temas capazes de fazê-las repensar condutas e atitudes que se perpetuam historicamente/culturalmente, como é o caso da opressão das mulheres e, em particular, a violência doméstica.

Contudo não esperava enfrentar tantas dificuldades/contratempos para abordar a questão, a falta de orientador(a) que trabalhasse ou tivesse interesse em tratar da temática dentro do departamento de Geografia do Instituto Federal da Bahia foi uma delas, tornando-se um processo penoso para uma professora em formação.

Apesar da existência de um Departamento com número expressivo de docentes de ambos os sexos, com currículos excelentes, com artigos e livros publicados em vários campos da Geografia, mestres e doutores como é o caso do Departamento de Geografia do Instituto Federal da Bahia, não tinha nenhum professor que tivesse desenvolvido pesquisa ou trabalhos na linha de Geografia e Gênero para orientar a elaboração do TCC da aluna.

Outra contrariedade enfrentada foi explicar para colegas acadêmicos que poderiam sim, pesquisar sobre a questão de Gênero em um curso de formação de professores em Geografia, pois para muitos essa temática nada tinha a ver com os estudos de sua área. Concordando com Miranda (2016) que destaca a importância da discussão desses temas transversais ligados as Mulheres e Gênero no ensino de Geografia. Para Matos (2008):

Durante anos, séculos, as mulheres estiveram excluídas da possibilidade de fazer ciência e de contribuir para a produção de conhecimento científico e/ou filosófico. As religiões, e depois as próprias organizações científicas, se incumbiram dessa opressão. (MATOS, 2008, p. 109).

Um questionamento que trago para o centro deste relato é tentar inferir por qual circunstância não houve ainda, em um curso tão importante como é o de Licenciatura em Geografia do IFBA Salvador, um “interesse” por parte dos docentes do departamento em discutir questões de Gênero? Dado que, o corpo docente do curso é composto por dezoito pessoas professores (as) só do

2 O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, é um modo primordial de dar significado às relações de poder [...]” (SCOTT, 1990).

Os Percalços Enfrentados por uma Graduanda em Geografia para Desenvolver seu Trabalho de Conclusão de Curso Abordando Questões de Gênero

Departamento de Geografia, sendo dez delas mulheres, e com mais outras treze professores (as) de outros departamentos. E até então, nenhuma produção científica sobre a “temática em questão”. Para Silva (2009):

Compreender ausências, silêncios e invisibilidades do discurso científico. É reconhecer que tais características não são fruto de acasos, mas de uma determinada forma de conceber e de fazer a geografia. (SILVA, 2009, p 58).

Será então, que essa falta de interesse por parte dos docentes citados ocorre em decorrência de que, durante muito tempo autores clássicos da Geografia (os precursores) não discutiram a temática? Ou contribui para isso o fato de grandes nomes da Geografia serem homens, os quais estão desfrutando do privilégio que o sistema patriarcal lhes outorga, e por isso, temas como violência contra as mulheres vão tirá-los da sua zona de conforto, fazendo-os refletir sobre o quanto esse sistema oprime as mulheres? De acordo com Ratts:

[...] as pesquisas e a produção docente são medidas em grande parte pelas publicações acadêmicas, podemos dizer, sem a menor sombra de dúvida, que a Geografia brasileira é androcêntrica. O problema maior não verificada apenas pelo controle masculino das estruturas organizacionais materiais da produção científica, mas pelo fato de terem esse controle, é a perspectiva masculina que predomina nos enunciados científicos e na base conceitual e metodológica da produção geográfica brasileira. (RATTS, 2016, p. 234).

Ou seja, a produção e discussão do conhecimento na academia na disciplina da Geografia apresentam uma visão masculina, que não coloca no centro do debate as questões de Gênero, as quais afligem as mulheres há décadas. Ressalte-se que, na contemporaneidade, as mulheres têm liberdade de escolha de temas científicos que melhor lhes convenham no seu processo formativo. Dessa forma, dispor deste “espaço”, deste “lugar de fala”³ para compartilhar as suas expressões do cotidiano vivido/percebido é muito importante. De modo que um espaço de construção de conhecimento, tal como as Universidades, não pode ser alheio nem omissos em relação a questões de tal gravidade como são as opressões femininas, assim como à demanda da violência doméstica, as quais são experimentadas por mulheres de todas as camadas da sociedade.

O Caminho Metodológico

A metodologia utilizada para a problematização dos resultados apresentados neste trabalho consiste na narrativa do relato de experiência dos percalços enfrentados por mim enquanto discente do curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal da Bahia- IFBA, para desenvolver o trabalho de conclusão

3 Ver Ribeiro, Djamila. O que é: lugar de fala? Belo Horizonte (MG). Letramento, 2017.

Os Percalços Enfrentados por uma Graduanda em Geografia para Desenvolver seu Trabalho de Conclusão de Curso Abordando Questões de Gênero

de curso (TCC).

O relato de experiência pode se constituir em um método que nos possibilita tecer reflexões sobre determinados fatos que despertam o interesse acadêmico, a exemplo dos conteúdos transversais, que de acordo com Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM) devem ser trabalhadas em sala de aula. Este artigo busca, por meio da descrição, mostrar as dificuldades existentes para trabalhar com temas transversais de um modo geral, mas especialmente o gênero, na graduação em Geografia.

Toda a narrativa descrita pela autora no presente trabalho deu-se a partir dos diálogos mantidos com pessoas docentes e discentes do curso de Licenciatura em Geografia acerca da escolha da temática para o desenvolvimento da sua monografia, interpretados à luz de leituras da produção científica sobre Gênero (Mulheres), durante muito tempo, foram relegadas por várias correntes geográficas.

Narrando e Analisando a Trajetória

A Geografia é uma disciplina que através das suas categorias permite a compreensão das relações sociais de gênero no espaço. Marcadores sociais na relação de gênero podem e devem ser abarcados no processo de desenvolvimento e abordagens geográficas. Porém persistem tradições que excluem temáticas importantes como as que envolvem as discussões feministas, “invisibilizada/apagada” na disciplina. Segundo Joseli Maria Silva (2003), ao se questionar acerca da produção da teoria geográfica, percebe-se que ela é, hegemonicamente, uma ciência masculina. Pois:

A tradição geográfica em privilegiar aspectos visíveis do espaço, o apego aos dados quantitativos e aos arquivos documentais oficiais, visando atingir a neutralidade científica na geografia convencional e também a abordagem economicista da perspectiva marxista, relegou a mulher a uma invisibilidade no processo de produção do espaço, já que sustentada nesta visão científica a geografia privilegiou os agentes e as paisagens hegemônicas e, portanto, fundadas na dominação masculina, [...] (SILVA, 2003, p. 33).

Ou seja, de acordo com a autora, os grupos tratados de forma marginalizada (as mulheres) são pouco importantes quando se busca fazer uma análise geográfica, uma vez que, durante muito tempo a abordagem do espaço na Geografia esteve centrada nos estudos dos espaços político-institucionais, nos processos de produção e acumulação da riqueza (SILVA, 2003).

Todavia, essa concepção ganhou muitas críticas e granjeou novas possibilidades a partir das discussões do pensamento na Geografia crítica. Onde, ainda segundo Silva:

A omissão científica da abordagem da mulher enquanto sujeito social tem sido denunciado por geógrafas feministas através de seu esforço em incluir o gênero enquanto um objeto de estudo da geografia, [...]”.

(SILVA, 2003, p. 34).

Pois,

(...) diferentemente de outras ciências sociais que legitimaram as mulheres como importante universo temático, como a história, a psicologia, a antropologia e a sociologia, a geografia apresenta um pequeno número de pesquisadores com dedicação a esta temática no Brasil". (SILVA, 2003, p. 34).

Para tanto, a fim de mudar essa realidade, faz-se necessário que, dentro da academia, em um curso de formação pedagógica em Geografia, haja esse espaço de diálogo, pesquisa e discussões, pois só a partir destes questionamentos pode-se superar o silêncio que a omissão que há muito a disciplina renegou aos estudos das problemáticas que envolvem as mulheres serão quebrados. Entretanto, os desafios são muitos, porém não impossíveis de ser transpassados, pois de acordo com Susana Veleda da Silva, (2000):

A Geografia brasileira, a exemplo da anglo-saxônica e espanhola, precisa estar atenta para esses novos movimentos sociais e lançar mão da categoria gênero como mais um instrumento de análise do social que, conseqüentemente, produz diferentes espaços geográficos. Incorporar as contribuições teóricas do feminismo e estudar empiricamente como o espaço é modificado por esses movimentos é tarefa emergente para quem quer compreender os novos espaços geográficos. (SILVA, 2000, s/p)⁴.

E, de acordo com Nascimento (2016), em sua discussão sobre os Temas Transversais, afirma que segundo o documento do Governo Federal do ano de 1998:

a ciência não deve mesmo ser neutra, acrescento que muito menos a Geografia, pois para isso foram criados os Temas Transversais, no intuito de que os processos, os quais estão sendo intensamente vividos pela sociedade, pelas comunidades, pelas famílias, pelos alunos e educadores em seu cotidiano. Sejam debatidos em diferentes espaços sociais, em busca de soluções e de alternativas, confrontando posicionamentos diversos tanto em relação à intervenção no âmbito social mais amplo quanto à atuação pessoal. (BRASIL, 1998, p. 26).

Desse modo, abordar a temática da violência contra as mulheres por um(a) professor(a) em processo formativo é de suma importância para sua prática profissional, uma vez que, as pesquisas sobre a questão ampliará seus conhecimentos sobre o assunto o qual está tão presente no cotidiano da sociedade. Visto que, as pesquisas mostram o crescente índice de violência

4 Disponível em <<http://www.ub.edu/geocrit/b3w-262.htm>>. Acesso em 7 de Janeiro de 2020.

Os Percalços Enfrentados por uma Graduanda em Geografia para Desenvolver seu Trabalho de Conclusão de Curso Abordando Questões de Gênero

doméstica que assola as mulheres, crianças e adolescentes, porém esta realidade não é recente, porquanto as mulheres sempre foram vítimas.

Antes de adentrar no curso de Licenciatura em Geografia, do Instituto Federal da Bahia- IFBA cursei quatro semestres em Serviço Social, na UNIFACS, nesse período tive meu primeiro contato com a temática relacionado à “questão de Gênero”. De modo que, despertei um grande interesse em pesquisar/aprender sobre o assunto. Mais tarde ao optar em cursar Licenciatura em Geografia em uma Instituição Pública Federal, mantive a disposição em continuar assim, a busca por conhecimentos nos estudos de Gênero.

Como já mencionado, há poucas produções científicas sobre o assunto, realizadas por profissionais da área. No entanto, quando ainda estava no primeiro semestre, observei a matriz curricular do curso e notei que não tinha uma disciplina específica que abordasse a questão.

Até o quarto semestre, aprendi sobre o espaço geográfico, a epistemologia da Geografia, o clima, o relevo, dentre outros temas. Porém, quando se inicia o quinto semestre, junto com ele inicia meu desapontamento, em razão de, nesse momento do curso, ter que desenvolver o projeto correspondente ao estudo do TCC.

A escolha do tema conduziu, aos inúmeros percalços que enfrentei para concluir a monografia. O tema que despertava em mim um grande interesse não tinha ainda sido apresentado ou estudado em qualquer momento no interior do curso de Geografia. Então, como continuar os estudos/pesquisas sobre as questões de Gênero, se não tinha lido, nem visto abordagem nas aulas, sobre o tema no período até então cursado?

Usando referenciais teóricos já consultados no curso de Serviço Social, quando desenvolvi um pré-projeto com o tema: "Por que as mulheres permanecem na relação conjugal, mesmo após a violência doméstica?" No entanto, no momento da discussão do projeto junto à disciplina de Metodologia da Pesquisa, eu não soube responder a pergunta formulada pela professora da disciplina: “onde está a Geografia na sua pesquisa”? Nesse momento, por não saber articular a temática do projeto aos estudos em Geografia, optei por apresentar um novo pré-projeto sobre a "Evasão escolar no Colégio Estadual Getúlio Vargas", porquanto, estava desenvolvendo atividade na unidade por fazer parte do projeto institucional de iniciação à docência (PIBID).

A resposta ao questionamento da professora só foi possível quando, na monografia, explico que para a Geografia, observar o espaço onde ocorre o fenômeno é tão importante quanto analisar a dimensão do fato, uma vez que, somente conhecendo o espaço pode-se compreender a totalidade do fenômeno. O espaço geográfico não é apenas palco da metamorfose da natureza, mas também cenário da vida social. (NUNES, 2018, p. 27).

Dessa maneira, teria respondido à professora que a questão da violência doméstica é um fenômeno social, o qual acontece no espaço e tempo que cabe aos geógrafos analisar, como também é uma relação social de conflito, a qual cabe pesquisar e buscar meios de seu enfrentamento.

Voltando a esse período ainda, iniciam-se alguns diálogos entre os discentes e eu, acerca da escolha dos temas para o trabalho de conclusão de curso

Os Percalços Enfrentados por uma Graduanda em Geografia para Desenvolver seu Trabalho de Conclusão de Curso Abordando Questões de Gênero

(TCC). E, quando nesses diálogos, declaro o interesse em trabalhar/pesquisar a respeito da questão da violência doméstica contra as mulheres.

Passo a ouvir por parte de alguns discentes, em tom de “brincadeira”, que a escolha dessa temática por minha parte, se dava ao fato de eu “tomar uma surra todos os dias”, outros discentes por sua vez disseram “esse tema nada tem a ver com a Geografia”. Como também ouvi que “você não deveria trabalhar com essa temática, porque você não é uma mulher empoderada”. Todas essas falas de colegas de curso, os quais não viram essa temática como relevante para a formação de professor, como para o curso de Geografia, causou em mim uma profunda dificuldade, frustração, tristeza e inclusive um bloqueio em dialogar posteriormente sobre a escolha da temática.

Entretanto, o que é possível apreender a partir dessas falas é o machismo estrutural, que instrui a concepção de alguns que determinadas disciplinas no caso em questão, a “Geografia”, não deve tratar das questões relacionadas às mulheres. Esta afirmação acrítica precisa ser desconstruído, pois se trata de estar em um curso de formação de professores, um espaço fértil para a desconstrução de concepções arraigadas do machismo estrutural.

Sendo estrutural muitas vezes, o comportamento do machismo é reproduzida pelas mulheres, as quais são as maiores vítimas deste ideário misógino⁵ e sexista⁶.

No sexto semestre, precisava cursar a disciplina GEO 122 Metodologia da Pesquisa do Ensino de Geografia, a qual qualificava a seguir com o projeto do TCC; fiz a matrícula na disciplina, contudo não consegui atender às expectativas da disciplina, optando então por abandonar a mesma.

Passando assim a seguir os meus objetivos de forma autônoma, buscando material de base teórica para referenciar o trabalho, com muitas buscas e idas à biblioteca do Instituto, porém como já mencionado anteriormente não encontrando essa temática nas bases de referências do curso. Todavia, ao deparar-me com a indicação de um professor do curso e assim, tomar conhecimento da Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero e passar a apreciar seus conteúdos e junto as pesquisas que já tinha iniciado acerca do assunto, senti que poderia prosseguir com o objetivo de estudar Gênero em um curso de Licenciatura em Geografia.

Matriculando-me então, no semestre seguinte, na disciplina GEO 122- Metodologia da Pesquisa do Ensino de Geografia, pré-requisito para a disciplina GEO 127- Trabalho de Conclusão de curso TCC I.

Nesse meio tempo, a turma da qual fazia parte, ou seja, com quem iniciei o curso junto, já estava formando quatro discentes, dentre os quais um que apresentou como trabalho de conclusão de curso um estudo chamado “Violência no Centro histórico de Salvador Pelourinho”. Foi quando assim sendo, tive o encorajamento que estava faltando para trabalhar com a questão da violência doméstica contra as mulheres.

Entretanto, iniciou-se mais outra peregrinação, agora a que considero mais

5 Indivíduo que sente repulsa, horror ou aversão às mulheres.

6 Sexismo é o ato de discriminação e objetificação sexual, é quando se reduz alguém ou um grupo apenas pelo gênero ou orientação sexual.

Os Percalços Enfrentados por uma Graduanda em Geografia para Desenvolver seu Trabalho de Conclusão de Curso Abordando Questões de Gênero

desestimulante e frustrante, visto que se trata de um processo formativo no qual o estímulo por parte dos docentes é crucial para a prática profissional, pois os mesmos se tornam espelhos/modelos para a profissão.

A peregrinação girou em torno da busca por um professor do departamento de Geografia para orientar meu trabalho, sendo que, em diálogos com a professora de TTC I, eu já teria que apresentar o nome do meu possível orientador, mas como?

Dessa forma, passei a pesquisar no Currículo Lattes dos docentes do curso para saber quais das professoras, anteriormente, tinham desenvolvido algum trabalho o mais próximo possível do assunto. Naquele momento, havia decidido que iria trabalhar com uma professora mulher, por acreditar que para discutir as questões que envolvem as mulheres nada melhor que nós mesmas, parafraseando Caetano Veloso, pois "cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é".

Entretanto, não encontrei ninguém dentre os(as) professores(as) que tivessem pesquisado/publicado algo sobre o tema. A professora da disciplina me informou se, caso não encontrasse algum docente interessado em ser meu orientador, que teria que fazer uma reunião entre a coordenação a fim de resolver e definir o meu orientador.

Como acredito que para um trabalho fluir e alcançar o esperado, o bom é que os envolvidos tenham ao menos algum contato anterior (relação professor x aluno) e não seja algo arranjado por terceiros. Passei a contatar os professores com quem considerava ter alguma afinidade, a partir da experiência nas disciplinas que cursei com os mesmos, mas recebi por parte de um professor a recusa de me orientar, por estar com o número completo de orientandos estabelecido no semestre.

A professora da disciplina sugeriu o nome de um professor homem, o qual eu não conhecia, pois o mesmo estava fora da Instituição por conta do Doutorado, de maneira que eu a questioneei, dizendo que eu tinha preferência de trabalhar com uma professora, e ouvi como resposta: "se dê por satisfeita/feliz em conseguir alguém para te orientar". Eu, ainda não me dando conta, ou talvez não acreditando, ou quem sabe por inexperiência do que realmente estava acontecendo, até então, dialogando com a professora, disse que queria também uma coorientadora para o meu trabalho e a docente responde: "você não conseguiu ainda um orientador e quer coorientador, só você mesmo".

Desse modo passei a perceber que esse tema não era de fato interessante para os Docentes do Departamento de Geografia do IFBA. Contudo, muito interessante para minha formação acadêmica e pessoal, pois quando se cresce vivenciando as mulheres, pobres, negras da periferia, sendo desrespeitadas em seus direitos e se dar conta que você, enquanto estudante, está em um "espaço" onde pode provocar visibilidade através de sua pesquisa/fala para que de alguma maneira essa realidade possa ser mudada, você não se detém diante dos empecilhos.

Sendo assim, passei a estabelecer um contato através das redes sociais com o docente sugerido, visto que não o conhecia pessoalmente. E posto que parecia ser a única opção, já que as professoras que contatei não poderiam me orientar: uma delas não poderia pois o seu contrato com a Instituição estava

Os Percalços Enfrentados por uma Graduanda em Geografia para Desenvolver seu Trabalho de Conclusão de Curso Abordando Questões de Gênero

perto de acabar, de maneira que a mesma não poderia me orientar até o momento da conclusão do trabalho. A outra professora que convidei para ser minha orientadora declarou precisar de um(a) orientador(a) do departamento de Geografia, pois algumas categorias de análise referentes à disciplina ela não dominava, porquanto tinha uma formação em outra área do conhecimento. E em uma terceira tentativa de ser orientada por uma professora, essa sugeriu de forma sutil que eu poderia trabalhar com questões relacionadas à educação ou à estrutura do curso, o qual estava inserido dentro do Instituto.

Antes de contactar o professor/orientador verifiquei o Lattes do mesmo e percebi que ele trabalhava na linha de pesquisa desigualdade socioespacial do espaço urbano da cidade de Salvador. Então ponderei que, por suas experiências, o professor deve ter uma preocupação com questões relacionadas a desigualdades, e sendo ele Negro, sabe bem o que é fazer parte de uma maioria e ser tratado como minoria (pessoas negras, mulheres, gays...). Uma vez que, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade de Salvador concentra uma maioria de negros equivalente a 79%. A partir dessa perspectiva, acreditei e resolvi desconstruir o pensamento de que uma mulher seria minha melhor opção de orientador.

Desta maneira, estabeleci contato com o docente/orientador, através de algumas mensagens, explicando que ainda não tinha tido a oportunidade de cursar nenhuma disciplina com ele, desse modo, ele ainda não me conhecia, mas acreditava que ele poderia contribuir com o meu trabalho de conclusão de curso, pois o mesmo desenvolvia pesquisas a cerca das desigualdades socioespaciais.

Expliquei que estava matriculada na disciplina de TCC1, e ainda não tinha orientador para me orientar no desenvolvimento da monografia. E que, em conversa com um colega dele, também professor, mencionei que houve a sugestão do nome dele como um possível orientador. Desse modo, queria convidá-lo a conhecer meu pré-projeto e se possível ser meu orientador.

O professor aceitou o convite prontamente, entretanto destacou que o tema do projeto era novo para ele. Porém, destaquei que, dentro do corpo docente de Geografia do IFBA- Salvador, a partir da análise dos currículos Lattes não tinha um professor que trabalha/trabalhou especificamente com essa temática, mas um professor de Geografia Humana, com experiência em Geografia da população, como era o caso dele, poderia me orientar perfeitamente.

E assim, inicia o processo de orientação, em que o professor/orientador passa a delegar funções, indicar referenciais, orientar quais as categorias de análise da Geografia seriam melhores para o desenvolvimento da pesquisa. No entanto, ainda assim, a dificuldade em frutificar nos intentos do trabalho permanecia. Passei a fazer uma disciplina optativa, a qual era ministrada por uma professora de Sociologia. Vale destacar que o orientador respeitou a proposta inicial da minha pesquisa todo o tempo, o que tornou o estudo, mesmo diante de todos os percalços, prazeroso, pois a pesquisadora (eu) trabalhava a partir do meu ponto de vista e com autonomia.

Logo apresentei o meu pré-projeto de pesquisa à professora de Sociologia, e ela, por sua vez, pareceu gostar da proposta; então, eu a convidei para ser coorientadora do projeto, após ter conversado com o orientador e o mesmo não se opôs à parceria.

Os Percalços Enfrentados por uma Graduanda em Geografia para Desenvolver seu Trabalho de Conclusão de Curso Abordando Questões de Gênero

E assim, forma-se uma tríade entre Geografia X Aprendiz X Sociologia. O que acredito ter sido o divisor de águas na produção do trabalho de conclusão de curso (TCC), em virtude de, a partir desse momento (como um triângulo amoroso harmonioso), as ideias foram se encaixando, a pesquisa sendo aprimorada, as categorias de análise ficando mais definidas, o recorte geográfico do estudo sendo percebido, baseado nas configurações das relações de desigualdades existentes/presentes para homens e mulheres no recorte geográfico do estudo.

Contudo, com alguns percalços ainda, pois a ideia inicial era espacializar os resultados/dados a partir do uso das ferramentas dos Sistemas de Informações Geográficas (SIG), as quais são equipamentos e meios tecnológicos que possibilitam o estudo e criação de mapas do espaço geográfico. Para tanto, não sendo possível por eu não dominar o manejo do sistema como também não ser a área do meu orientador. E os que dominavam as ferramentas do SIG no Departamento de Geografia, ao serem acionados para dar-me o suporte necessário para a elaboração de mapas, na ocasião sempre tinham outras demandas prioritárias, o que considero um desestímulo para o discente não poder contar com esse suporte, visto que a disciplina que apresenta o Sistema SIG para os discentes do curso de Geografia do IFBA não o qualifica no manejo afinado para a construção de mapas.

Ainda assim, finalizei meu trabalho de conclusão de curso (TCC), o qual teve como produto final uma monografia com 68 páginas, apresentada e aprovada com uma nota ótima no Departamento de Geografia do Instituto Federal da Bahia- IFBA. Este trabalho, intitulado Espacialização da Violência Doméstica contra a Mulher na Região do Subúrbio Ferroviário de Salvador-BA. Um trabalho que, atualmente, está sendo usado como base para a construção de um pré-projeto de Mestrado para ser submetido junto à Universidade Federal da Bahia – UFBA.

Saliento que, algum tempo depois da apresentação da monografia, estabeleci contatos com professora do Departamento de Geografia, do IFBA Salvador, o qual ainda acesso como pesquisadora, pois faço parte do grupo de pesquisa NEP - CEUS / Núcleo de Estudos e Pesquisa das Cidades, do Espaço Urbano e da Sustentabilidade Socioespacial, como também a professora, a qual me convidou para participar/criar um grupo de estudo sobre Diversidade de Gênero e Geografia.

E assim, iniciamos estudos/pesquisas a partir de vários encontros, na perspectiva de posteriormente juntar-nos a outros pesquisadores (as), outros Departamentos, que se interessem pela temática da Diversidade de Gênero, como também com ativistas/estudiosas de outras instituições, a fim de estabelecer uma rede de apoio para a criação de um núcleo/espaço de estudo sobre as mulheres dentro do IFBA- Salvador, o que seria primoroso para os educandos de todo o Instituto.

Uma vez que, o IFBA- Salvador é um espaço que congrega alunos da educação básica (ensino médio), a qual prepara os cidadãos para o exercício da sua cidadania, com um viés crítico participativo e consciente, acerca de seus direitos e deveres frente ao combate às desigualdades sociais e de Gênero.

Considerações Finais

Por fim, ao analisar esse relato de experiência, constato que, através de todos os percalços enfrentados na trajetória de construção do meu trabalho de conclusão de curso (TCC), os quais não foram poucos, reconheço que os cientistas da Geografia não demonstram interesse em trabalhar com a temática de Gênero, haja vista, entre outros elementos, as poucas produções por parte de geógrafos (as), o que dificulta, por vezes, a construção de um referencial teórico.

Considero que os empecilhos para conseguir um (a) orientador (a), as “brincadeiras” que por vezes me bloquearam, as falas de colegas desacreditando sobre a importância do estudo da temática para a Geografia, ou seja, o machismo estrutural representou um desafio árduo. No entanto, me estimulou a seguir em busca de mudar essa realidade, a julgar pelos resultados positivos após a finalização do trabalho.

Todavia, acredito que a academia, ou melhor, o curso/disciplina de Geografia não deveria ser, ou passar a impressão de ser excludente com as questões de Gênero, uma vez que a Geografia é uma ciência que estuda o espaço geográfico e as relações sociais que ocorrem nos espaços. De maneira que o estudo da relação espaço/sociedade possibilite mudar as realidades. Então, como pode uma disciplina da relevância da Geografia se silenciar ou ficar amordaçada frente ao debate das questões experienciadas no cotidiano da comunidade universitária como um todo, e para além dela?

Dessa forma, para a Geografia estabelecer estudos sobre Gênero, é de suma importância se considerar a potencial desconstrução que a disciplina pode direcionar através dos seus questionamentos determinantes histórico, cultural e social das desigualdades de gênero herdadas do sistema patriarcal. Uma vez que a mesma tem a responsabilidade de formar cidadãos conscientes, críticos e responsáveis quanto ao seu papel acerca dos direitos e deveres de homens e das mulheres frente às desigualdades existentes nessa sociedade, onde mulheres são mortas diariamente por homens que são seus parceiros ou ex-parceiros.

Referências

CESAR, Tamires Regina Aguiar de Oliveira. PINTO, Vagner Andre Moraes. A Produção Intelectual da Geografia Brasileira, entorno das Temáticas de Gênero e Sexualidades: uma visão a partir dos periódicos on line. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v. 6, n. 2, p. 119 - 132, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 45ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2007.

Os Percalços Enfrentados por uma Graduanda em Geografia para Desenvolver seu Trabalho de Conclusão de Curso Abordando Questões de Gênero

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como pratica da liberdade/ tradução de Marcelo Brandão Cipolla – São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2013

MATOS, Marlise. Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências. **Estudos Feministas**, v. 16, n. 2, p. 333 – 357, 2008.

MIRANDA, Gislayne Aparecida Barbosa. **Gênero mulher e ensino de Geografia**: relato de experiência a partir do subprojeto de Geografia/PIBID/UEPB- 2016. Monografia.

NASCIMENTO, Livia Silva do. GEOGRAFIA E GÊNERO: ANÁLISE DE ESTUDOS CORRELATIVOS. II Congresso Internacional de Educação Inclusiva. II Jornada brasileira de educação inclusiva. **Anais...** Novembro, 2016.

NETO, Francisco Otávio Landim. BARBOSA Maria Edivani Silva. O Ensino de Geografia na Educação Básica: uma análise da relação entre a formação do docente e sua atuação na Geografia escolar. **Geosaberes**, v. 1, n. 2, p. 160 – 179, 2010.

NUNES, Marcia Tavares. **Espacialização da violência doméstica contra a mulher na região do subúrbio ferroviário de Salvador-BA**. Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Geografia - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia. Salvador, 2018.

PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

RATTS, Alecsandro José Prudencio; COSTA, Benhur Pinós da; SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose; SILVA, Maria das Graças Silva Nascimento; SILVA, Susana Maria Veleda da. Geografia e Diversidade: Gênero, Sexualidades, Etnicidades e Racialidades. **Revista da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (Anpege)**, v. 12, n. 18, p. 229 - 244, 2016.

RIBEIRO, Djamila. **O que é**: lugar de fala? - Belo Horizonte (MG) Letramento: Justificado, 2017.

SCOTT, J. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Sociedade, v. 16, p. 5 – 22, 1990.

SILVA, Joseli Maria. Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica. **Revista de História Regional**, v. 8, n. 1, p. 31 - 45, 2003.

SILVA, Joseli Maria. Ausências e silêncios do discurso geográfico brasileiro:

Os Percalços Enfrentados por uma Graduanda em Geografia para Desenvolver seu Trabalho de Conclusão de Curso Abordando Questões de Gênero

uma crítica feminista à geografia eurocêntrica. In: SILVA, Joseli Maria. **Geografias subversivas**: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2009, p. 55 – 92.

SILVA, Susana Veleda da. Os Estudos de Gênero no Brasil: Algumas Considerações. **Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**. n. 262, 2000.

Recebido em 06 de maio de 2019.
Aceito em 09 de Agosto de 2019.

Marcia Tavares Nunes

